

SERVIÇOS JURÍDICOS

“Portugal é ainda um destino de eleição para investidores alemães”

Mesmo com uma justiça pouco previsível e uma política fiscal instável, o advogado Miguel Pena Machete afiança que “Portugal é ainda um destino de eleição para os investidores alemães”.

JOÃO MALTEZ
jmaltez@negocios.pt



Os alemães dão-se bem neste país, vivem cá tranquilamente.

MIGUEL PENA MACHETE
Sócio da sociedade de advogados SLCM

Portugal continua a ser atractivo para os investidores alemães? Apesar das dificuldades impostas pelo sistema de justiça e pela instabilidade crónica da nossa política fiscal, Miguel Pena Machete – sócio da Serra Lopes, Cortes Martins e Associados (SLCM) – responde que “sim”. A resposta tem por base o trabalho que a sua sociedade de advogados já desenvolve e que agora ganha força com a criação de um grupo de trabalho vocacionado para os clientes dos mercados germânicos.

“Portugal é ainda um destino de eleição para o investidor alemão”, afiança Miguel Pena Machete. Tendo por base a sua experiência profissional, o advogado considera que, embora o mercado português tenha ainda de evoluir e tornar-se mais atractivo, os alemães continuam a olhar para o país com interesse.

“Temos excelente mão-de-obra, temos óptimas infra-estruturas, temos um país em que a população fala inglês e se relaciona facilmente com quem vem para cá trabalhar. Tudo isso são vantagens. Os alemães dão-se bem neste país, vivem cá tranquilamente”, avança o sócio da SLCM.

É evidente que nem todos são facilidades. Há também factores que podem funcionar de forma contraproducente para a atracção de investimento externo. Desde logo, o modo como funciona o nosso sistema de justiça: “Em Portugal, em grande parte dos assuntos relevantes, não consigo dizer a ninguém qual será a previsível decisão judicial. Há muitas decisões-surpresa. Há muita incerteza nessa área. Esse



A falta de previsibilidade na justiça e nos impostos funciona como um entrave para as empresas, diz o advogado Miguel Pena Machete.

é um dos factores negativos no nosso país que temos de melhorar.”

Atenção à estabilidade da política fiscal

A falta de previsibilidade é de uma forma geral, um entrave para as empresas, sejam alemãs ou não. É assim na justiça, mas também nas questões tributárias. Miguel Pena Machete lembra que, hoje em dia, os países captam investimento estrangeiro relevante através da sua política fiscal. Na opinião deste ad-

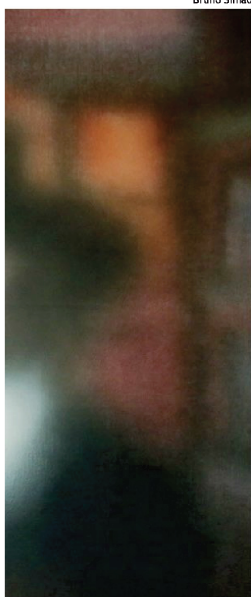
vogado, “Portugal tem de perceber isso, porque essa é a porta de entrada das grandes empresas e é ainda um aspecto que, eventualmente, pode contrabalançar os factores negativos da justiça”.

Só que, segundo o sócio da SLCM, também neste âmbito há problemas e esses prendem-se com a instabilidade que caracteriza a política fiscal portuguesa. “Todos os anos há alguma alteração. Isso é perturbador, porque o que nós queremos vender é estabilidade. O que

queremos é que alguém que programe um investimento a 10/15 anos possa de facto confiar em que a sua estimativa inicial, que assenta em pressupostos conhecidos, não se altere no ano seguinte”, enfatiza.

Problemas de contencioso que envolvem incumprimento de contratos e apoio a projectos de investimento ou à celebração de contratos para fornecimento de uma determinada matéria-prima ou de serviços são, hoje em dia, algumas das questões em que a SLCM represen-

Criar um novo serviço, mas sem começar de novo



Bruno Simão



Em Portugal, em grande parte dos assuntos relevantes, não consigo dizer a ninguém qual será a previsível decisão judicial.

MIGUEL PENA MACHETE
Sócio da sociedade de advogados SLCM

ta clientes alemães. Outra das áreas é a do imobiliário, sobretudo na prestação de serviços a “pessoas que tiveram contacto com Portugal em determinado momento das suas vidas e que querem fixar a sua residência no país”, observa o nosso interlocutor.

De cá para lá, nos mercados alemão, suíço ou austríaco, o advogado admite que também há oportunidades para as empresas portuguesas. Um exemplo disso é o facto de a Alemanha ter sido,

em 2015, o terceiro maior importador de produtos portugueses.

“Temos alguma capacidade tecnológica e acho que isso funciona a nosso favor. Já temos exportado quadros, mas em vez de exportarmos quadros talvez possamos exportar tecnologias. Temos toda uma geração muito bem preparada e disponível. Todas as qualidades que temos enquanto indivíduos temos também enquanto empresas”, sublinha Miguel Pena Machete. ■

“Não se trata de começar de novo, porque já temos alguma actividade com clientes dos países onde o alemão é língua oficial. Embora os alemães, maioritariamente, também falem inglês, preferem, naturalmente, relacionar-se na sua própria língua. Os clientes que temos sempre privilegiaram essa vertente.” A afirmação de Miguel Pena Machete – advogado e sócio da Serra Lopes, Cortes Martins (SLCM) – ajuda a explicar a mais recente aposta feita na sociedade de que faz parte: a criação de um Departamento Alemão.

O sócio Miguel Pena Machete e a advogada Marlene Sennewald Sippel, ambos fluentes em língua alemã, são os “pivôs” do novo serviço que a sociedade está a desenvolver. O propósito é responder às necessidades das empresas dos países germânicos que operam no mercado português, ou de firmas portuguesas que também desenvolvem a sua actividade em países como a Alemanha, a Áustria ou a Suíça.

“Temos clientes alemães, reconhecemos que fazia sentido organizar e estruturar a prestação de serviços jurídicos como uma espécie de uma área de prática. A nossa ideia é ter um núcleo mais especializado que faz a articulação com os clientes, de acordo com as suas necessidades, e as diferentes áreas de especialização. Vamos criar uma área porque achamos que é a melhor forma de servir os clientes, de ir ao encontro dos respectivos interes-

ses”, explica o advogado Miguel Pena Machete.

A estratégia desenhada beneficia também de a sociedade fazer parte de duas “networks” internacionais vocacionadas para a prestação de serviços jurídicos a clientes fluentes em língua alemã. Uma das redes é a DIRO, que foi fundada em 1992 e conta hoje com 175 firmas associadas e mais de 1.400 advogados. Outra é a DACH, organização criada em 1989 e então focada na Alemanha, Áustria e Suíça. Actualmente, tem 621 membros e associa advogados de 28 países.

“A advocacia globalizou-se. Hoje em dia, cada vez mais as sociedades internacionais ou apostam em escritórios locais ou integram redes de trabalho. Este ‘networking’ internacional acaba por favorecer os contactos de uma economia que é cada vez mais global e em que a referência de advogados é prática comum na advocacia moderna”, considera o sócio da SLCM. ■



Vamos criar uma área [‘German Desk’] porque achamos que é a melhor forma de servir os clientes.

MIGUEL PENA MACHETE
Sócio da SLCM

PERGUNTAS A MIGUEL PENA MACHETE

Sócio da SLCM

“TODOS OS ANOS HÁ ALGUMA ALTERAÇÃO NA POLÍTICA FISCAL”

O que é que joga a favor do nosso país quando disputamos investimento alemão?

A nosso favor jogam a estabilidade e a segurança. É um país onde, apesar dos últimos acontecimentos internacionais, tem uma segurança enorme. Temos também uma mão-de-obra que devidamente orientada funciona bem. Temos ainda uma mão-de-obra qualificada e boas faculdades; um clima motivador; e uma infra-estrutura rodoviária aceitável. Além disso, existe uma comunidade alemã razoável. Quem vem para Portugal não fica desorientado.

No sentido oposto, o que pode penalizar-nos?

A justiça é claramente um problema para as empresas portuguesas e estrangeiras. Sobretudo quando estas últimas vêm de uma ambiência jurídica em que as coisas funcionam de outra maneira. Claro que não há modelos perfeitos, mas para uma empresa alemã que vem para Portugal torna-se difícil lidar com um processo que pode demorar mais de três anos a ficar resolvido.

No Orçamento para 2017, pelo menos ao nível dos grandes impostos (IRC e IVA) para as empresas, não ocorreram grandes mudanças. É um factor positivo?

O problema é que todos os anos há alguma alteração na política fiscal. Isso é perturbador, porque o que nós queremos vender é estabilidade. O que queremos é que alguém que programe um investimento a 10/15 anos possa de facto confiar em que a sua estimativa inicial, que assenta em pressupostos conhecidos, não se altere no ano seguinte. Isso pode dar-lhe uma ideia de como se sente. ■